

O Cinema como meio de promover Inclusão Social para Crianças com Necessidades Especiais

Flávia S. K. Soto & Fabio N. Akhras*

Índice

Introdução	2
1 A Situação Social de Crianças com Necessidades Especiais .	3
2 A Media Literacy como Meio de Transformação Social . . .	6
3 O Programa de Media Literacy para Crianças com Necessi- dades Especiais	7
4 Conteúdo e Dinâmica das Aulas	9
5 Temas Abordados nas Aulas	11
Conclusão	25
Agradecimentos	26
Referências	26

Resumo

Será apresentada e discutida a metodologia utilizada em um projeto que visa promover a melhoria do desenvolvimento mental e social de crianças portadoras de necessidades especiais, por meio da interação com tecnologias de mídia. O projeto trabalha com vídeos, media literacy, e propostas educativas que estimulam o desenvolvimento da criança, auxiliando também na interação com os pares e demais pessoas

*Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (CTI). Rodovia Dom Pedro I, km 143,6. 13089-500 Campinas, São Paulo. E-mail: Flavinha_fs2f@yahoo.com.br; fabio.akhras@cti.gov.br.

que pertencem ao círculo social da mesma, buscando trabalhar a moral e os valores sociais. Cada vez mais o processo de globalização do mundo nos remete à uma vida cheia de informações e novidades tecnológicas. Nesse contexto, o projeto partiu da iniciativa de fazer algo que pudesse promover uma melhoria na forma de educar crianças especiais, visando, principalmente, buscar o que, dentro desta tecnologia, é capaz de melhorar as condições de vida dessas crianças quanto ao seu aspecto social. O meio utilizado foi o das tecnologias de mídia, que mostram ser uma forma eficaz de promover o desenvolvimento social e cognitivo do ser humano. Um dos objetivos é gerar um novo conhecimento na área de educação especial e tecnologias de media, capaz de auxiliar os professores no trabalho com crianças com grande dificuldade de desenvolver-se cognitivamente e socialmente.

Palavras-chave: cinema, educação especial, alfabetização em mídias, inclusão social.

Introdução

O TRABALHO apresentado neste artigo é fruto de pesquisas bibliográficas e de um estudo em campo específico. O campo a que nos referimos é o ambiente no qual as propostas de um projeto de Mídias Audiovisuais para a inclusão Social de Crianças com Necessidades Especiais pôde ser colocado em prática para que assim pudesse ser observada a validade destes estudos e, principalmente, para poder avançar nesta pesquisa tendo como apoio uma aproximação da realidade, por meio das vivências. Este projeto foi aplicado entre março e dezembro de 2011, com aulas quinzenais numa instituição de ensino que atende crianças e adolescentes com necessidades especiais. O nosso projeto dentro desta instituição teve a oportunidade de contar com o apoio da gestão e das professoras, assim obtivemos a concessão para aplicar o projeto em cinco salas de aula, mediante a consulta de interesse e disponibilidade de cada professor/turma.

O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta uma breve discussão da situação social de crianças com necessidades especiais, que motivou a realização do projeto; a seção 3 apresenta uma introdução à media literacy, que é a base do programa de inclusão social de crianças com necessidades especiais que foi criado; a seção 4 apre-

senta a metodologia que foi desenvolvida para uso da media literacy como meio de promover a inclusão social de crianças com necessidades especiais; a seção 5 apresenta o conteúdo e a dinâmica das aulas, enquanto que a seção 6 apresenta os temas que foram trabalhados nas aulas; e a seção 7 apresenta as conclusões e os trabalhos futuros.

1 A Situação Social de Crianças com Necessidades Especiais

Os alunos que participam do nosso projeto na instituição têm idades entre onze e dezoito anos, sendo separados por suas idades de acordo com as turmas pré-formadas seguindo um padrão que mantém alunos mais novos em uma turma, e alunos mais velhos em outra, e não seguem um padrão seriado como o da escola regular de ensino. Esses alunos vêm de diferentes classes sociais, sendo em sua maioria provenientes de classe baixa e média-baixa, evidenciando que dependem desta instituição famílias que não têm condições de estar com o seu filho em período integral, por conta da necessidade de todos os integrantes terem que trabalhar, e/ou familiares que não podem pagar uma pessoa, ou uma instituição, que cuide desta criança no período contrário a escola. Apesar dessas diferenças sociais a escola acaba por igualar as condições de todos os seus alunos, pois esta oferece tudo o que é necessário para a criança manter-se bem confortável e atendida todo o dia (como alimentação, atendimento médico, odontológico, etc.).

Outro dado interessante é que esses alunos podem, dentro desta instituição, profissionalizarem-se, iniciando o seu trabalho formal dentro da mesma, ou seja, a instituição oferece aos seus alunos um caminho a seguir para que seja possível a conquista de sua independência.

A escola que retratamos aqui recebe crianças com diversos tipos de necessidades especiais, provenientes de situações ou doenças como paralisia cerebral, deficiências motoras diversas, limitações de aprendizado, dentre outras, que caracterizam um aluno como portador da necessidade de receber este atendimento especializado. No entanto, a maioria dos alunos tem Síndrome de Down.

Síndrome de Down é caracterizada como uma doença, que na verdade é uma aneuploidia, perda ou ganho de um ou poucos cromossomos. É uma doença cromossômica autossômica que caracteriza-se pela

trissomia do cromossoma 21, ou seja, uma alteração na divisão cromossômica usual deste cromossomo resultando na triplicação – ao invés da duplicação – do material genético. Segundo pesquisas, essa divisão não usual pode ocorrer de três maneiras:

- Uma não-disjunção cromossômica total: conforme o feto se desenvolve, todas as células acabam por assumir um cromossomo 21 extra;
- as causas mosaico, em que os portadores não têm todas as células afetadas pela trissomia; e
- o desenvolvimento da síndrome por translocação, caso em que parte ou todo o cromossomo 21 extra se encontra ligado a um outro cromossomo, geralmente o cromossomo 14.

O que essa síndrome pode acarretar na saúde da criança é que esta pode possuir alterações sensoriais (principalmente relacionadas à visão e à audição), hipotonia (condição na qual o tônus muscular está anormalmente baixo, geralmente envolvendo redução da força muscular), complicações respiratórias e alterações cardíacas.

A maioria dessa população de crianças com Síndrome de Down pode ser encontrada em instituições especializadas em educação especial, assim como o é a APAE. Neste ambiente eles podem interagir livremente com crianças com diversos tipos de deficiência, mas, também, com diversos professores e funcionários que não apresentam nenhum tipo de anomalia.

O ambiente em que ocorrem nossos estudos é cheio de oportunidades para auxiliar no desenvolvimento da criança. Estas recebem atendimentos diversos como o auxílio de psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogas, profissionais da área da educação e profissionais que trabalham com o corpo (dança, capoeira, natação e atividades físicas diversas). Cada uma destas atividades ajuda a promover um desenvolvimento integral da criança, corpo e mente, pois assim elas podem desenvolver/adquirir a fala, uma coordenação motora e maior consciência corporal. As profissionais que atuam diretamente no interior da criança, o que esta sente e entende do mundo, tentam promover uma educação mais igualitária, que possibilite à estas crianças uma inserção na sociedade como mais um ser comum, uma inserção no mercado de trabalho.

No entanto, esses profissionais tratam os seus pacientes e educandos de uma forma que deixa claro que eles são diferentes mas que desejam que não o sejam. Para explicar melhor, eles tratam como se todos ali fossem totalmente diferentes do resto do mundo e esperam que eles possam diminuir estas diferenças, tornando-os assim mais iguais ao “resto”, com a intenção de tirar-lhes as diferenças que os tornam excluídos da sociedade como um todo.

É claro que a intenção de permitir a todos estes educandos um convívio social saudável é ótima, mas o que acaba acontecendo é que cada educando é tratado como diferente do “resto” mas igual entre si, ou seja, as individualidades são na maioria das vezes deixadas de lado. O que ocorre na maioria das vezes é esta concepção de que todos desenvolvem, ou não desenvolvem as mesmas características. Cada um de nós, nesta sociedade, é individual, tem formas diferentes de ver e conceber o mundo, cada um de nós escolhe ter esta ou aquela profissão, é melhor em matemática ou em português, ou nos dois, ou seja, cada um de nós tem capacidades e limitações diferentes. É comum as crianças serem tratadas como iguais, nos termos de terem as mesmas dificuldades, incapacidades, limitações e características.

As crianças não se desenvolvem todas da mesma forma, sendo assim as crianças da APAE também não. Segundo o Dr. J. Langdon Down, os portadores de Síndrome de Down não constituem uma “raça” à parte, mas apresentam, como qualquer outro representante da espécie humana, peculiaridades individuais de personalidade e no curso de seu desenvolvimento neuropsicomotor. Para tentar ir além desta “descoberta”, nossas pesquisas se inclinam para a visão de que é possível entender que mesmo estas crianças sendo excluídas da sociedade, quando colocadas em uma instituição diferente da escola direcionada a todos, elas se permitem estar em contato com a sociedade normalmente, e mais, como sobre elas não há uma pressão para que sejam iguais entre si, pois já são vistos como iguais, elas não tem que se adequar a um padrão, deixando claro a sua individualidade, e se relacionam de forma que todos parecem compreender que são diferentes, não da sociedade como um todo, mas entre si, entre todos.

Não há uma consciência de que eles são portadores de uma síndrome e que por isto são excluídos da sociedade, eles vão mais longe, demonstram que sabem que somos todos diferentes um dos outros. E o que

será que os permite serem diferentes? Será que a forma com que são tratados (a maioria os difere da sociedade como um todo mas não entre si) os proporciona uma não pressão sócio-cultural para serem iguais uns aos outros, que os diga como portar-se, do que gostar, o que é mais valorizado, a cultura dominante e etc?

2 A Media Literacy como Meio de Transformação Social

Com a publicidade encontrando múltiplas formas de influência numa sociedade em que o consumismo é cada vez mais incentivado, a mídia se torna cada vez mais presente no cotidiano das crianças e jovens, e das mais diversas formas: da propaganda na televisão no intervalo do desenho animado até o merchandising da novela, na revista em quadrinhos e no cinema, fazendo com que eles tenham que lidar com um número cada vez maior de informação em diversos tipos de mídia.

Nesse contexto se situa a media literacy, que busca desenvolver nas crianças e jovens um olhar crítico sobre os principais produtos audiovisuais que os cercam: desenhos animados, comerciais veiculados na televisão aberta e a cabo, comerciais impressos em revistas, filmes, animações e novelas. Munidas de uma condição melhor no que diz respeito à interpretação dos discursos à sua volta, as crianças podem pensar melhor por si mesmas e concluir com maior autonomia suas opiniões e necessidades. Assim, o objetivo central da media literacy é promover a construção da autonomia discursiva e de análise das crianças, no tocante à construção da sua identidade como cidadão e consumidor.

Por outro lado, enquanto que a media literacy prepara as crianças e jovens para entender a linguagem audiovisual utilizada pela mídia, em filmes, televisão e propaganda, para torná-los capazes de compreender as mensagens que vem do uso dessa linguagem em vários contextos e com vários propósitos (Jolls, Share & Thoman, 2001; Jolls & Thoman, 2007; Santos & Akhras, 2011), a media literacy para a transformação social segue um enfoque um pouco diferente. Seu objetivo é ir além da compreensão da linguagem audiovisual e envolver as crianças e jovens na análise e discussão de produtos audiovisuais que abordam questões do seu contexto social. Isso como forma de levá-los a refletir sobre essas questões, e de prepará-los para compreender as transformações que são

necessárias no seu contexto social com relação a essas questões, assim como o modo pelo qual essas transformações podem ser produzidas.

No que se refere à abordagem de media literacy, estudos revelam que um dos aspectos chave da media literacy é promover o desenvolvimento de um pensamento crítico (Buckingham, 1998). Assim, espera-se que um programa de media literacy para a transformação social voltado para crianças e jovens com necessidades especiais possibilite que essas crianças desenvolvam uma maior compreensão e conscientização sobre aspectos do seu cotidiano que lhes permitam uma participação plena no seu contexto social.

Deste modo, o principal objetivo do programa de uso de mídias audiovisuais para a inclusão social de crianças com necessidades especiais, que foi criado, é possibilitar às crianças e jovens utilizar a expressividade da linguagem audiovisual para discutir e refletir sobre questões associadas ao seu contexto social, para que eles possam desenvolver uma maior conscientização e compreensão de vários aspectos relevantes para que possam se inserir plenamente na sociedade.

3 O Programa de Media Literacy para Crianças com Necessidades Especiais

Através de atividades de discussão e análise das situações retratadas nos produtos audiovisuais que compõem o programa de media literacy, as crianças com necessidades especiais tiveram a oportunidade de construir interpretações, explorar formas audiovisuais e expressar suas visões sobre as questões discutidas nos produtos audiovisuais apresentados. Com isso, o programa de media literacy para crianças portadoras de necessidades especiais oferece um ambiente construtivo e autêntico para o desenvolvimento integral das crianças, servindo como meio para que elas discutam questões que são relevantes para a sua inclusão social.

O programa mostrou-se muito eficaz no que diz respeito a motivação dos alunos, os recursos audiovisuais os auxiliaram a entender questões que já estavam postas a eles em seu aprendizado e também questões novas. No decorrer do projeto, as respostas das crianças evidenciaram que o uso destes recursos oferece um estímulo eficaz para conseguir conquistar o que os meios de educação propostos na insti-

tuição não conseguem. É certo que nem todos se estimulam da mesma maneira, uns recebem melhor o estímulo, e a partir deste aumentam significativamente o seu desenvolvimento, não só cognitivo, mas corporal e social, enquanto que outros recebem o estímulo mas sem serem tão afetados por ele. Um exemplo de como este estímulo que oferecemos às crianças pode ser muito eficaz e ir além das nossas expectativas é o aluno M, que com bastante tempo já na APAE nunca havia falado, apesar da mãe garantir que ele tinha o domínio da fala. Em uma das aulas do projeto em que apresentamos para a turma a lousa digital a atividade propunha que para ser o próximo a “experimentar” a lousa as crianças deviam “adivinhar” o que a outra criança desenhava, e este aluno M foi o primeiro a falar “– É o sol, posso ir agora!?”.

Analisando este caso podemos inferir que o estímulo de trabalhar com a lousa digital, um material inovador que lhes foi mostrado ser bem divertido, o fez sentir a necessidade de impor-se para que fosse ouvido e que assim ele pudesse ter o contato com o material. O que nos faz refletir que para conseguir alcançar todos os educandos, no sentido de fazê-los se interessar pelo seu desenvolvimento integral, é necessário fazer uso de diversas estratégias de ensino, muitas vezes diferentes para cada educando e até mesmo diversas estratégias para um educando.

O projeto de media literacy com estes educandos caminhou lentamente, pois nossas pré-concepções foram derrubadas, já que, como evidenciado neste artigo, eles não prezam seguir um padrão social, o que no decorrer do nosso percurso nos desviou um pouco pois eles nos fizeram entender que apesar de podermos ensinar-lhes a ter uma visão crítica sobre o que eles recebem dos meios de comunicação, não podemos ensinar-lhes a encontrar num filme, curta, vídeo, ou propaganda a real intenção dos mesmos, pois cada receptor é diferente e assim o sendo recebe diferente a mensagem posta e, mesmo que haja uma intenção posta e aceita pela maioria como sendo a real esta não é a única verdade pelo fato já explicado que cada indivíduo receberá o material proposto de diferente(s) maneira(s). Entender o que “realmente” o vídeo deseja “passar” é secundário no que diz respeito a formar um indivíduo como um cidadão crítico, autônomo e autêntico.

4 Conteúdo e Dinâmica das Aulas

As aulas foram todas predefinidas em um plano de trabalho, e este foi se modificando de acordo com as necessidades, com o aprofundamento do projeto e com o nosso aprendizado acerca da realidade das crianças.

As aulas na APAE foram quinzenais. Em uma semana trabalhamos com duas turmas e na outra com três turmas, num total de cinco turmas no projeto e uma média de 65 crianças. Todas as aulas contêm um ou mais temas específicos, como amizade, preconceito, diferenças, dentre outros; sendo assim os vídeos passados, sejam eles curtas, longas, desenhos, documentários, etc., sempre estão de acordo com o temas do dia. O propósito de se ter temas nas aulas é focarmos em algo que seja significativo para todos, algo que seja interessante para as crianças e que ao mesmo tempo possa proporcionar à eles um aprendizado sobre aspectos tecnológicos, sociais e emocionais.

Em todas as aulas temos uma ou mais atividades direcionadas, estas atividades requerem um material, tais como massa de modelar, lápis de cor, pintura à dedo, lousa digital, carteira digital, jogos como o dominó (gerados de acordo com o tema), quebra-cabeça, cartões cena, desenhos em quadrinhos e giz de cera. Cada atividade tem um valor e um objetivo. De maneira geral, os objetivos são avaliar a compreensão da aula dada, desenvolver/aprimorar a criatividade, a imaginação, a coordenação motora, motivar os alunos para que estes possam buscar o conhecimento, auxiliar em uma inclusão social, e principalmente digital, ou seja, o projeto tem como objetivos promover um momento de educação transformadora, que possa oportunizar ao aluno se tornar sujeito de si em relação ao seu aprendizado, sujeito no mundo, tornando-o capaz de ser autônomo e crítico. Esta criticidade que procuramos desenvolver/aprimorar está muito ligada à mídia literacy, pois a partir deste conteúdo podemos mostrar que não basta aceitar aquilo que está posto e claro, é preciso ir além, é preciso conhecer para poder entender, é preciso buscar informações, entender que há mais de uma lado, que o que a mídia transmite é passível de dúvida. Trabalhamos com a pedagogia da pergunta, que segundo Paulo Freire é uma pedagogia que faz do aluno sujeito do seu aprendizado, é o processo de aprendizagem mediado por perguntas que permite investigar um problema, visando o desenvolvimento do pensamento inquiridor, crítico e criativo (Freire,

1985). O aluno não recebe tudo pronto, ele entende que o conhecimento vai além, que precisa ser buscado para ser compreendido.

Nossas aulas, portanto, tem como foco esses objetivos acima citados, e para que isso possa ocorrer nós trabalhamos de uma forma variada, para que assim seja possível manter a motivação. Trabalhamos também com os diferentes materiais para que seja possível desenvolver diferentes aspectos na criança. Cada material tem o seu propósito de estar presente na aula, como exemplo temos a massinha que de acordo com vários estudos é um excelente instrumento pedagógico que promove o desenvolvimento motor da criança, desenvolve a imaginação, promove um desenvolvimento cognitivo e lúdico (Boruchovitch, 1999). Sobre isso vale ressaltar este trecho:

“Quando à criança experimenta o momento de criação da linguagem, ela atualiza, nessa passagem da natureza para a cultura; seu potencial expressivo e criativo, e inicia um diálogo mais profundo entre os limites do conhecimento e da verdade nas relações entre as pessoas (...) a linguagem é o local de produção de sentidos e o ponto para o qual o jogo, criatividade e pensamento crítico convergem (Kramer & Leite, 2007, p.36).”

Temos uma videografia bem variada, e dentre os filmes passados temos alguns que foram selecionados pelas crianças. Por exemplo, no começo do nosso trabalho o projeto tinha em sua videografia apenas dois desenhos da Turma da Mônica (Maurício de Souza), mas as crianças pediram que este tipo de desenho estivesse mais presente, e como as crianças demonstraram maior familiaridade e compreensão quando assistiram á este tipo de vídeo, a sugestão foi aceita. Temos também em nossa videografia episódios do desenho do pequeno príncipe, que tratam de questões sociais e emocionais. Para conseguir trabalhar a mídia literacy em nossa filmografia temos curtas e documentários, como por exemplo o curta For the Birds, da Pixar.

Como se pode notar nossa aulas tem uma dinâmica mais ou menos contínua, passamos um ou mais vídeos, fazemos uma discussão sobre os vídeos, enfatizamos o tema e passamos para a produção de uma atividade dirigida. Sempre levando em conta que todas as aulas sofrem

com as variações do meio, ou seja, elas estão suscetíveis à mudanças sempre que o ambiente ou coletivo exige.

5 Temas Abordados nas Aulas

Abaixo estão dispostos os principais temas trabalhados no projeto. Como em todas as aulas havia apresentações de filmes, curtas, vídeos, ou outros meios de comunicação audiovisual, cada tema apresentado abaixo tem incluso em seu item os filmes que foram passados, com a finalidade de permitir um melhor entendimento da experiência. Também está explicado em poucas palavras as atividades desenvolvidas e o sentido que as torna válidas.

Cada tema principal aborda outros temas relacionados, propostos pela aula ou mesmo sugeridos pelo grupo no dia da aula, e os subtemas estão em itálico para serem facilmente identificados. A discussão feita em cada um dos itens não diz respeito apenas a nossa proposta, mas, principalmente, sobre a discussão do grupo, ou seja, certo ou errado foram estas as discussões e conclusões dos grupos. Algumas partes do texto estarão entre aspas representando a fala de um(a) aluno(a), assim o leitor pode aproximar-se melhor da experiência.

Amizade: O tema da amizade foi trabalhado em uma aula específica, no entanto, outras aulas abordaram o tema por conta da discussão gerada entre os alunos. Além do mais, o número de vídeos que aborda o tema é imenso. Sendo assim, a maioria dos vídeos assistidos em sala tinham a amizade como tema central ou como tema secundário.

Os vídeos que geraram discussões sobre amizade foram, Amigo Zo, Mary and Max (início em 1' 18" término em 1'20"19"), O Lenhador e a Raposa, Partly Cloudy, Regras e Exceções, Turma da Mônica e os Azuis, Luan o Cometchinha, O Cão e a Raposa, Scooby Doo: Verão Assombrado, O Pequeno Príncipe – Um mundo diferente e Dona Cristina perdeu a memória.

As atividades propostas em cada uma das aulas nas quais estes vídeos foram passados foram diferenciadas. No entanto, o mais importante nestas aulas eram as discussões feitas no grupo sobre os vídeos, as perguntas norteadoras para que se continuassem as discussões (perguntas simples, mais para iniciar a conversa, tais como: Como a amizade apareceu no vídeo? O que o personagem X entendia por amizade?

Vocês concordam? dentre outras) e, posteriormente, o trabalho direcionado para que a criança pudesse expressar o que sentiu, aprendeu, gostou, no vídeo, em conjunto com as discussões, ressaltando que, para que elas produzissem melhor foi dado a elas a possibilidade de trabalhar com diferentes materiais, como massa de modelar, lápis de cor, tintas, etc., dando às crianças a oportunidade de escolha, não só dos materiais mas da forma de usá-los, para escrever, desenhar, pintar, criar.

Com esta liberdade de escolha de materiais para expressar diferentes aspectos relevantes da aula, do vídeo e da interação entre eles surgiam também explicações, mais como conclusões individuais, como desenhar algo e explicar que no desenho estão presentes ela e os seus melhores amigos, e que eles são amigos por causa disso ou daquilo, no intuito de demonstrar compreensão sobre o tema abordado.

As crianças falaram muito que ser amigo é ajudar ao outro, “amigo a gente ajuda”. Quando o tema também era fofoca a maioria falou que “não é certo falar mal do outro nem contar os seus segredos”. Vingança foi um termo que eles mostraram desconhecimento, depois que foi explicado melhor eles concluíram que era como quando você “desconta” algo, mais no sentido físico do que qualquer coisa mais complexa, pois todos os alunos pareciam não entender a ação de guardar mágoa, assim como muitas crianças eles entendem que o que importa é aquele momento. Eles contaram muitas experiências sobre as suas amizades, contaram sobre os seus amigos “da rua”, sobre os “amigos da sala”, e “amigos-família”.

Para este grupo estudado muito da amizade é ajudar o outro naquilo que este mesmo está com dificuldade, e segundo eles todos ali presentes eram amigos, isto em todas as turmas. As cinco turmas que trabalharam com o tema foram incapazes de ver a diferença como um problema, quando trabalhamos o tema da diferença eles explicaram que todos são diferentes (fisicamente e intelectualmente), e que isto não era motivo de caos, era simples, “ué somos diferentes”, o entendimento quanto a isto era o mais simples possível, somos diferentes e isto é um fato e pronto. Quanto a lidar com as diferenças, digamos assim de personalidade, eles disseram que gostavam mais de tal pessoa, mesmo sem saber explicar o porque e, no entanto só foi observado uma aluna que outros dois alunos disseram não gostar, excluindo este caso eles só diziam de quem gostavam mais, nunca de quem menos gostavam.

O curta *Partly Cloudy*, foi um dos vídeos sobre amizade que mais chamou a atenção das crianças, este é um filme sem falas, mas que é carregado de emoção. Na cena em que a cegonha “deixa” o seu amigo nuvem e o “troca” por outra nuvem por alguns instantes fica a impressão de que a cegonha não agüentava mais seu amigo que só dava a ele filhotes terríveis para carregar (no curta as cegonhas entregam os filhotes de todas as espécies para as devidas famílias), no entanto quando há a solução do mistério do porquê a cegonha foi a uma outra nuvem o curta mostra que esta apenas foi buscar uma “armadura” para poder continuar ao lado do seu amigo.



Fig. 1. Cena de *Partly Cloudy*

Este curta nos leva a uma dúvida nesta cena, a cegonha abandonou ou não o seu amigo nuvem? Mas quando ele volta as crianças entenderam que a cegonha não abandonou o amigo, só foi “visitar” a outra nuvem. Para a maioria que se dispôs a discutir ele não voltou apenas pelo seu amigo, mas porque valorizava o que o amigo fazia (a palavra valorizar não surgiu, mas houve inúmeras tentativas de explicar que o que a nuvem fazia era bom também, “o jacaré era legal”, “o porco-espinho era engraçado”, sendo assim eles me fizeram entender que mesmo parecendo terríveis aqueles bichinhos eram, na verdade, os melhores).

Preconceito: O tema preconceito foi um dos primeiros a ser trabalhado. Os vídeos principais que se referem ao tema e nos permitem uma reflexão sobre ele, são: *Day & Night*, *For The Birds*, *Partly Cloudy*, *A Aranha e o Fogo* (da Coleção *Pequenos Filósofos*) e *Turma da Mônica e os Azuis*.

Os filmes com nomes em inglês foram passados na versão original visto que nos curtas *For The Birds* e *Partly Cloudy* não há falas e que no curta *Day & Night* a fala existente poderia ser inferida no momento, como era esperado fazer parte da compreensão dos alunos, com uma posterior explicação sobre o que o “homem do rádio” falava naquele momento da cena.

Depois de as crianças terem assistido aos curtas, cada um em seu dia planejado, discutimos o tema, lembrando que em cada aula há sempre mais de um tema a ser discutido e por esse motivo muitas vezes os conceitos se misturam.

Nas conversas que tivemos a respeito de preconceito falamos sobre as nossas experiências com esta situação. Nenhum deles manifestou ter sofrido qualquer tipo de preconceito, mas como nas aulas falamos também que as aparências enganam alguns deles disseram coisas do tipo, “Eu não pareço mas sou muito bom no futebol, faço vários gols.”, portanto pode-se observar que eles haviam compreendido o significado de julgar o outro sem ter o conhecimento sobre os fatos, seja julgar pela aparência ou por um erro (“Hoje o R não quis desenhar, mas ele desenha muito bem” – uma aluna falando sobre o seu amigo, explicando que mesmo que hoje nós não pudéssemos ver o desenho dele não queria dizer que ele não era bom nisso, só que nós não podemos ver).

Violência era um dos sub-temas do preconceito no entanto ele nem chegou a ser trabalhado pois com a declaração deles de não terem sofrido nenhum tipo de preconceito achamos que não era necessário discutir muito mais do que os fatos que ocorreram nos vídeos, como por exemplo no vídeo da *Turma da Mônica* e os *Azuis*, no qual a *Mônica* é levada a uma outra dimensão na qual todas as pessoas que fazem parte do seu convívio normal têm a cor azul, e ela continua com a mesma cor de sempre, por isso ninguém quer brincar com ela, alguns fogem dela, outros a insultam, outros a perseguem, no decorrer do desenho ela sofre algumas formas de violência (como ser perseguida) mas em uma das cenas ela explica que continua sentindo a mesma coisa por dentro, que ela não mudou nada. No final a *Mônica* volta a sua dimensão normal e diz que gosta dos seus amigos “de qualquer jeito e de qualquer cor. Até pintados de Azul”, os amigos acham estranho mas continuam a se relacionar normalmente e o desenho acaba.



Fig. 2. Cena de Turma da Mônica e o Azuis

Neste dia as crianças apresentaram mais os fatos, explicaram porque a Mônica não foi bem aceita pelos seus “amigos azuis” mas nos alertaram que o certo era gostar dos amigos de qualquer jeito, assim como fez a Mônica na cena final. Mais uma vez o que era certo parecia bem claro, mas em nenhum momento eles disseram que os amigos dela estavam errados, como se para eles o que importa é fazer o certo e pronto, sem ter que pensar no que é errado.

Eles, como dito no item da amizade, têm consciência de que todos somos diferentes, não que eles sejam diferentes dos outros e por isso estudam na APAE, mas que cada indivíduo é diferente entre si. Quando dentro deste tema falamos sobre igualdade a discussão não fluiu muito bem, foi um dos temas que não conseguiu alcançar a sua meta inicial de compreensão, mas não de uma forma ruim pois eles explicaram, sem terem ciência, que se somos todos diferentes como podemos ser iguais, cada um gosta de algo diferente, cada um precisa de coisas diferentes, cada um precisa de tempo diferente, e assim por diante. A convivência entre eles é de diversidade, alguns alunos precisam de cadeira de rodas e outros não, “e se eu não preciso porque vou querer uma igual?”.

Conversamos também sobre a dificuldade de lidar com as diferenças dos outros, o que também não fluiu muito tempo na discussão, eles parecem lidar muito bem com a diferença, com a diversidade entre eles, eu senti uma compreensão para com a diferença do outro muito além dos níveis comuns, “cada um faz o que pode” – aluna se referindo a

situações nas quais a diferença do outro atrapalha, como por exemplo um cadeirante em um jogo de futebol, para eles se ele pode jogar, se não não joga, mas se ele quiser jogar mesmo assim eles “dão um jeito”.

Confiança: Este foi um dos temas que surgiu quando assistimos aos vídeos em sala, são eles, Partly Cloudy – que diz respeito a confiança que se deve ter em um amigo, O Lenhador e a Raposa – uma fábula bem conhecida que fala não só da confiança em um amigo, mas também em seus instintos e conhecimentos, Dona Christina perdeu a memória – a confiança que se tem em um amigo quando lhe confere guardar os seus maiores bens, para que assim no futuro possa ajudar este que confiou.

No desenho A Aranha e o Fogo, a confiança tratada é aquela que temos para com o próximo, permitir que o outro mostre do que é capaz sem pré-julgamentos. Confiar no que não se pode ver, mais como uma esperança.



Fig. 3. Cena de A Aranha e o Fogo

Surgiu também nas conversas o tipo de confiança que devemos ter em nós mesmos, o que nos dá coragem para fazer o que é preciso, coragem esta que deve ser acompanhada de prudência e sabedoria, prudência para saber que todo mundo tem os seus próprios limites, e que também é preciso respeitar os limites do lugar em que se está e respeitar o limite do outro. A conversa sobre sabedoria foi bem simples, é preciso

saber algo para poder fazer, mas também para aprender é preciso ter a coragem de tentar alguma vez.

Orgulho: Enquanto víamos vídeos sobre confiança nos atentamos também em ver vídeos que abordam o tema do orgulho. No vídeo *Pequenos Filósofos: Eu Sou o Maior*, o orgulho é o tema central – vários seres competindo para ver quem é o maior dentre eles, e cada um orgulhava-se mais de si até que o próximo o superasse. Quanto a este vídeo, as crianças puderam discutir que não adianta ficar tentando dizer quem é o melhor, cada um é bom em algo. No vídeo desta mesma coleção, *A Aranha e o Fogo*, muitos animais acham que são melhores do que os demais mas acabam evidenciando que não eram realmente bons para a tarefa que precisavam executar. Enquanto conversávamos os alunos refletiram “eles não eram bons que nada, só falavam que eram”, eles me explicaram também que mesmo quando a gente é bom em algo só tentando fazer dá pra saber, não adianta ficar falando que faz. Por último, duas turmas assistiram ao filme *Monstros vs. Alienígenas*, e nele tem um homem todo orgulhoso de si. Na nossa discussão ele apareceu como “o cara chato”. Ou seja, o orgulhoso não foi bem visto aos olhos deles, mesmo eles não tendo atentado para o fato do homem ser essencialmente orgulhoso impondo a sua vontade sobre a de todos.

Curiosidade: Este foi um tema muito ligado ao aprender. Dentre os vídeos que versam sobre o tema estão, o desenho *Luan o Cometi-nha*, *Coisa de Louco*, um desenho que despertou a curiosidade deles, deixando-os entusiasmados, *Scooby Doo: Ilha dos Zumbis* e *Scooby Doo: Verão Assombrado*, que são pequenos filmes sobre uma turma que desvenda mistérios.

No desenho do Luan, o Luan era um cometa muito curioso, e por este motivo aprendia as coisas, conhecia lugares e pessoas, mas era também por conta da sua curiosidade que muitas vezes entrava em apuros. Ficou decidido então que um pouco de curiosidade é bom, porque ela faz parte da vontade de aprender coisas novas, mas que também é preciso prudência para sair por aí procurando coisas.

Coisa de Louco é um desenho da turma da Mônica no qual os personagens principais são o Cebolinha e o Louco, este foi um desenho que despertou a curiosidade deles sobre coisas novas, pois a casa era completamente maluca, com camas no teto, quadros que derramam água, “botagaio” (papagaio de bota), trem de verdade que passa dentro da

casa, e muitas outras anormalidades. Foram estes aspectos diferentes que produziram nas crianças um efeito de euforia.



Fig. 4. Cena de Coisa de Louco

Os dois filmes do Scooby Doo foram escolhidos por eles com muito entusiasmo, todos gostavam muito desta série animada. Um outro fator que auxilia muito no aprendizado é o interesse dos alunos, seja na atividade, na metodologia ou no conteúdo. Buscar um material que deixe a turma interessada é tão importante quando ensiná-los aquilo que está previsto cada um deles aprender, porque é a partir do interesse individual que algo pode ser incorporado aos nossos conhecimentos de maneira mais fácil e prazerosa.

Os materiais diferentes que usávamos nas atividades, os vídeos diferentes, as discussões com temas do interesse deles e temas novos, tudo isso aumentava o envolvimento individual na aula e no grupo, sem contar que a variedade de situações e liberdade de escolha deixava a turma motivada. Esta liberdade ocorria na sugestão aceita de vídeos, filmes ou temas, liberdade para escolher com que material os alunos gostariam de trabalhar naquele dia, e, principalmente, liberdade de expressão. As aulas tinham um direcionamento, mas a opinião de todos era levada em consideração, o certo e o errado ficava por conta das conclusões em nossas discussões, mas desde o início todos eram convidados a participar e todas as vozes eram ouvidas com respeito e atenção. Desta maneira foi aparecendo um ambiente mais criativo, mais construtivo, mais inte-

ressado, e um ambiente mais sensível no qual todos eram valorizados, o que ajudou e muito na autoconfiança de cada um.

Memória: “Denomina-se memória a aquisição, armazenamento e evocação de informações. A aquisição é também denominada de aprendizagem.” (Lara, Trindade, Nemr, 2007) No início do projeto foi feito um estudo para compreender melhor como deveria ser realizado este nosso projeto em uma instituição como a APAE. Muitas pesquisas apontavam para um atraso na memória em indivíduos portadores da Síndrome de Down. Algumas considerações foram feitas pois

“pesquisas apontam que o comprometimento na memória de curto prazo, verificado nestes indivíduos, é considerado uma das causas do atraso cognitivo e do atraso no desenvolvimento da linguagem” (Lara, Trindade, Nemr, 2007), atentando para este fato e levando em conta que “Esta dificuldade pode, entretanto, ser minimizada se estas instruções forem acompanhadas por gestos ou figuras que se refiram as instruções dadas” (Bissoto, 2005)

e,

“No mesmo sentido, por apresentarem habilidades de processamento e de memória visual mais desenvolvidas do que aquelas referentes às capacidades de processamento e memória auditiva, os indivíduos com Síndrome de Down se beneficiarão de recursos de ensino que utilizem suporte visual para trabalhar as informações” (Bissoto, 2005).

Como já pode ser inferido o uso de estratégias audiovisuais no projeto era intencional, nós buscávamos verificar a eficácia do uso destes recursos no aprendizado dos alunos. Somado á isto trabalhamos no decorrer do projeto com atividades de construção de seqüência e coerência, produção de história e repetição.

Quando assistimos ao curta, Dona Cristina perdeu a memória, os alunos já tinham um repertório destas outras atividades, e apesar do vídeo falar de memória, o fato mais interessante foi que os alunos, condicionados a responder perguntas sobre os conteúdos assistidos e reconstruir a seqüência, criaram estratégias para conseguir realizar melhor as tarefas. No caso desta aula, algumas crianças repetiam em voz

alta as seqüências, alguns repetiam e contavam nos dedos, outros pediam para ver novamente, e assim muitos foram desenvolvendo a sua própria estratégia ou fazendo uso da estratégia do colega para conseguir posteriormente interagir melhor na discussão. A geração de estratégias denota um alto grau de desenvolvimento cognitivo, pois estes alunos estavam não só absorvendo informações como também estudando como poderiam melhorar seu desempenho.

“Trata-se da metacognição, que envolve o pensar sobre as cognições, sobre o comportamento e sobre o próprio processo de aprendizagem, bem como a auto-regulação da aprendizagem (Boekaerts, 1996).”

Além disso, na conversa sobre memória todos revelaram que sabem que têm uma memória boa. E o desenrolar do projeto não mostrou evidências do contrário, só evidências que nos fazer crer na fala deles, pois mesmo as aulas sendo quinzenais as turmas lembravam de muitos aspectos dos filmes e das aulas, até a última aula tinha gente pedindo o “desenho do futebol”, referindo-se á primeira animação vista pela turma.

Bullying: *“Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (Lopes Neto, 2005)”.*

Bullying é um dos temas em alta na mídia, em alta nas escolas, nos debates, nas palestras e reuniões várias. Os vídeos usados para que o tema fosse abordados em sala foram: Turma da Mônica e os Azuis, Frank em: Ser Criança, For the birds, Turma da Mônica em Baile Frank e Day & Night. Os vídeos relatam aspectos relevantes ao debate também nos temas de *diferença, preconceito e violência*.

Depois de assistirmos aos vídeos o tema central proposto foi deixado de lado para falarmos de diferenças, como nenhum deles relatou ter tido qualquer experiência com a situação nos retemos a entender o conceito. Ainda nesta discussão o assunto que repercutiu foi diferença, como já foi relatado neste artigo a diferença é vista por eles de maneira descomplicada, a turma que se manifestou garante que somos todos diferentes uns dos outros, que isto as vezes é bom ou ruim, “mas mesmo

que não gostemos do diferente precisamos respeitar. Só porque a Mônica tava azul ninguém quis brincar com ela, mas isso não importa.”, “Ninguém deve ficar de fora”.

Uma das turmas chegou a conclusão de que “Mesmo que sejamos diferentes ninguém pode brigar com a gente por isso, temos que ajudar. Somos amigos”, estas conclusões foram feitas a partir do momento da discussão que todos consideravam que eram diferentes por este ou aquele motivo, mas eles não compreendiam porque haveria violência (do tipo que caracteriza o Bullying, como por exemplo xingamento), se afinal todos ali eram amigos.

Em todas as idas à instituição não foi observada nenhuma forma de violência que poderia ser caracterizada como bullying.

Exclusão: Outro principal aspecto do nosso projeto era trabalhar a inclusão. Falar em inclusão pressupõe que alguém está à margem, que alguém está parcialmente, ou totalmente, excluído de algo.

Abordando este tema, direta ou indiretamente temos os audiovisuais: Turma da Mônica e os Azuis, Coisa de louco, O Cão e a Raposa, Turma da Mônica em Ser Criança, Carros II, For the Birds e Partly Cloudy. Os vídeos tratam também de diferença, preconceito e violência.

Além da inclusão digital e social, promovida pelo nosso projeto através dos recursos audiovisuais, e de tecnologias tais como a lousa digital e a carteira digital, a inclusão foi trabalhada por meio do modo como as aulas foram conduzidas. Como explicado em outros tópicos, foi dado a eles certa liberdade de escolha e expressão, dois fatores essenciais para que o indivíduo possa se situar como um agente formador desta sociedade, um indivíduo que tem capacidade e direito de interagir com o meio que o cerca, dando as suas opiniões, criticando, lutando por um espaço, por uma causa. Compreender que se tem o direito de escolha é compreender que se tem o direito de recusar, de criar uma alternativa, de desenvolver uma discussão sobre algo a fim de poder tomar decisões e/ou posições.

Quando é dado ao indivíduo liberdade, mesmo que no nosso projeto seja um tipo bem específico e simples, é possível explicar que nem tudo deve ser simplesmente aceito. Há de se formar indivíduos pensantes, o educador Paulo Freire destaca,

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura,

que marcha, que não tem medo do risco, por isso, que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, em que se adivinha, enfim, a escola que apaixonadamente diz sim à vida (Freire, 1995)."

Alfabetização: Alfabetizar é comumente entendido como a aquisição de habilidades mecânicas, codificação e decodificação do ato de ler e escrever. No projeto tratamos a alfabetização não só como o aprender a ler e escrever, tratamos a alfabetização no sentido do letramento, e este inclui, capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento. O letramento ressalta a ideia dos usos sociais da leitura e da escrita, ou seja, desenvolver no aluno habilidades de inserção no contexto social. Por meio da aquisição destas habilidades o aluno é capaz de estabelecer novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos.

Magda Soares, em seu artigo, Letramento e alfabetização: as muitas facetas, cita que a palavra letramento foi inventada no Brasil em meados de 1980. Segundo a autora,

"Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (Soares, 2003)."

Foi o que procuramos fazer, associar o letramento, ou no inglês literacy, à alfabetização, de maneira a poder desenvolver no aluno muito mais do que a capacidade de ler, escrever e interpretar, mas desenvolver habilidades para a inclusão social.

Os vídeos que assistimos que, de alguma forma, auxiliaram nesta nossa jornada foram: História do Dedão do Pé, Aprender a Aprender, A Maior Flor do Mundo, Regras e Exceções, Vida Maria, Frank em:

Ser Criança, Carros II, Scooby Doo: Verão Assombrado, Scooby Doo: Ilha dos Zumbis, Sid Sementinha e Cuidando do Planeta; sem esquecer que em todas as aulas, e portanto a partir de todos os vídeos, nossa aula tinha como base a media literacy, aprendíamos a aprender tanto quanto aprendíamos coisas novas.

Neste trabalho de alfabetização e letramento destacamos a importância de confiar na própria capacidade de aprendizado e realização. Realizamos diversas tarefas, tais como a produção de um texto escrito coletivo, que davam ao grupo oportunidades de aprender a trabalhar em grupo, considerar a opinião do outro, expressar-se, aprimorar habilidades de coesão, criação e, por fim, mas não menos importante, muitas das nossas tarefas foram brincadeiras, porque a imaginação presente no ato de brincar era um fator muito valorizado em nossas aulas que promovia a criação (diferente da reprodução pura).

Neste contexto de aulas em que procuramos desenvolver a autonomia, o letramento era uma das maneiras de se fazer, assim como o era a inclusão e o conceito de media literacy desenvolvidos junto às aulas.

Arte: Arte é uma palavra muito abrangente, com a abordagem deste tema procurávamos não só oferecer-lhes a oportunidade de conhecer a arte da poesia, da criação de vídeo, como também mostrar a eles que a arte pode ser feita por qualquer um de nós. O vídeo História do Dedão do Pé do fim do mundo foi o preferido por eles. Este é um vídeo produzido com poemas do autor Manuel de Barros. Na história havia um menino que gostava de carregar água na peneira e entendeu que escrever era o mesmo que carregar água na peneira, “descobriu que podia interromper o vôo de um pássaro pondo ponto no final da frase”, a partir daí o menino começou a brincar com palavras e sua mãe disse que ele ia ser poeta, que ia preencher os vazios com suas peraltagens. Em uma parte do vídeo os meninos dizem que para “fabricar brinquedos de palavras” era só virar “bocó”, e assim quando os alunos puderam pegar os papéis e se expressarem escolheram este vídeo e esta parte, perguntaram se podiam brincar com palavras, e brincaram.

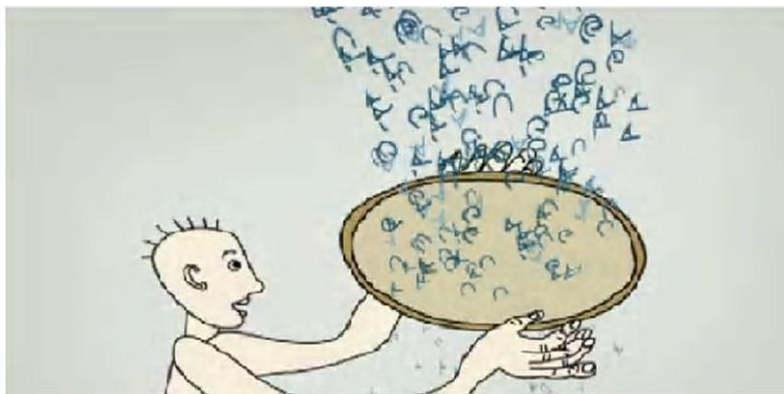


Fig. 5. Cena de História do Dedão do Pé

A aluna H escreveu uma palavra “infinita” que cabia todas as pessoas que ela gostava, a palavra tinha as iniciais de todos, e representava muito sobre amizade. Só quem conhecia a H entendia o seu “brinquedo de palavras”. Ela e os demais se divertiram brincando com as palavras, tudo estava belo, nada estava errado, e tudo fazia tanto sentido para todos. Foi uma experiência incrível.

Conversamos sobre poeta e poesia. Levei a eles o poema Amizade do autor Mário Quintana. Cada um me contou o que achava que era poesia, e o que sabia que era poesia agora. Falamos da importância do vazio, pois se não há nada para preencher não há por que se mover.

Assistimos também, antes de realizarmos as conversas e as atividades, os curtas: A Flor Mais Grande do Mundo, baseado na obra do poeta José Saramago, A Maior Flor do Mundo, e Aprender a Aprender. Eles gostaram muito de ambos, e puderam explicá-los maravilhosamente, de uma maneira interpretativa fantástica que podia fazer qualquer um compreender a essência daqueles vídeos. No primeiro “o menino descobriu um mundo de verdade, ajudou a plantinha e ela retribuiu crescendo muito e cobrindo ele quando ele precisou. E quando todos descobriram ficaram alegres por poder ver”. No segundo, “Ele aprendeu o que o dinossauro ensinou”, e como ele conseguiu fazer? – perguntamos, “Com mágica, do coração, ele queria aprender”.

Se tiver a oportunidade de ver os curtas, assista como cada um dos alunos assistiu, com atenção, curiosidade, e sem qualquer tipo de pré-

conceitos. Assim poderá entender uma das diversas formas de analisar arte, de gostar dela, e o que pode ser feito para se transformar em um artista.

Conclusão

Três aspectos principais foram evidenciados durante o projeto: primeiro, a individualidade, os alunos excluídos da sociedade e colocados em instituições “especiais” são vistos como iguais e no entanto cada um deles demonstra claramente que são seres ímpares; segundo, o estímulo, para poder alcançar os educandos é necessário a utilização de diversos estímulos diferentes; e terceiro, a eficiência do uso de tecnologias e recursos audiovisuais no desenvolvimento da criança, que os possibilita uma motivação maior para o aprendizado, um estímulo diferente e eficaz, um ambiente de ensino mais agradável e inovador e um recurso diferenciado capaz de atingir o que antes não se conseguia, para propor um desenvolvimento real.

Todas as aulas foram feitas com a exibição de um ou mais vídeos, seguida de uma discussão, primeiramente para tentar extrair dos alunos o que eles tinham compreendido e depois uma discussão mais voltada para o tema da aula. Com isso, a intenção não foi sugerir que há apenas uma interpretação correta sobre qualquer criação audiovisual, mas o fato de os vídeos trazerem em seu corpo características e estratégias que procuram passar certa mensagem. Foi discutido nas aulas que no que diz respeito a interpretação cada um terá a sua, mesmo porque como todos nós ali sabíamos somos todos diferentes, e mesmo que vejamos a mesma coisa sentimos, entendemos e recebemos aquela informação de uma forma diferenciada, única. Por isso o projeto, paralelamente a tudo o que foi descrito aqui, tentou desenvolver nos alunos uma autonomia e uma criticidade, desenvolver a capacidade de selecionar aquilo que assiste, aquilo que deseja extrair do que foi visto, capacidade de criticar, de entender que a opinião própria tem o seu valor e que nós é que damos sentido aquilo que nos foi mostrado.

Mesmo que todos os conceitos aqui elencados possam ser esquecidos rapidamente, uma coisa não foi perdida neste processo. Quando demos a oportunidade de cada um falar o que pensava, a oportunidade de questionar, perguntar, entender, quando valorizamos a visão deles,

quando mostramos a eles a importância de não só aceitar aquilo que se recebe, mas de criticar, demos a eles alguns elementos para o desenvolvimento da autonomia de cada um.

Este era o objetivo principal deste projeto, incluí-los na sociedade como cidadãos críticos e autônomos, capazes de atuar, influenciar e transformar o meio no qual vivem.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio ao projeto, à APAE-Campinas que nos recebeu, e aos seus funcionários que nos auxiliam sempre e nos permitiram o desenvolvimento do projeto.

Referências

- Bissoto, M. (2005). “O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais”, *Ciências e Cognição*, 2(4):80-8.
- Boekaerts, M. (1996). “Self-regulated learning at the junction of cognition and motivation”, *European Psychologist*.
- Boruchovitch, E. (1999). “Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: Considerações para a prática educacional”, *Psicología Reflexão e Crítica*, 12(002).
- Buckingham, D. (1998). “Media education in the UK: Moving beyond protectionism”. *Journal of Communication*, 48 (1): 33-43.
- Freire, P. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1995), *À sombra desta mangueira*, São Paulo: Olho d’Água.
- Jolls, T.; Share, J. & Thoman, E. (2001). *Five Key Questions That Can Change the World: Lesson Plans for Media Literacy*, Nova Iorque:CML.

Jolls, T. & Thoman, E. (2007). *Literacy for the 21st Century: An overview and orientation guide to Media Literacy Education*, Nova Iorque: CML.

Kramer, S. & Leite, M. (orgs.) (2001). *Infância e produção cultural*, Campinas, SP: Papirus.

Lara, A.; Trindade, S. & Nemr, K. (2007). “Desempenho de indivíduos com Síndrome de Down nos testes de consciência fonológica aplicados com e sem apoio visual de figuras”. *Rev. CEFAC*, 9(2) São Paulo Abr./Jun. Disponível em: [Scielo](#) .

Lopes N. (2005). “Bullying – comportamento agressivo entre estudantes”, *J. Pediatr.* (Rio J). 2005;81(5Supl):S164-S172.

Santos, L. & Akhras, F. (2011). “Media Literacy: Uma Experiência Brasileira”, *Rumores*, 5(10), julho-dezembro.

Soares, M. (2003). *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

FILMOGRAFIA

A Aranha e o Fogo. Coleção Pequenos Filósofos. Produção: TV ESCOLA. Duração: 9min.

A Flor Mais Grande do Mundo – Baseado na obra de José Saramago. Produção: Continental Producciones SL. Direção: Juan Pablo Etcheverry. Elenco: José Saramago. 2007. 10 min. Disponível em: [Youtube](#).

Amigo Zo, (2005). Direção, roteiro e animação: Andrés Lieban. Produção Executiva: André K. Breitman.

Aprender a Aprender. Produção: Savannah College of Art and Design. Direção: Josh Burton. 2005. Disponível em: [Youtube](#).

Carros II. Produção: PIXAR. Direção: John Lasseter e Bard Lewis. Elenco: Owen Wilson, Larry the Cable guy e Michael Caine. Estados Unidos, 2011. Duração 106min.

Cebolinha em Coisa de Louco. Produzido por: Maurício de Souza. Duração 7min. Disponível em: [Youtube](#).

Cuidando do Planeta – Série Charlie e Lola. Reino Unido. Duração: 10min. Disponível em: [Youtube](#).

Day & Night, (2010). Direção: Teddy Newton. Produção: PIXAR. Elenco Wayne Dyer. Duração: 6min. Disponível em: [Youtube](#).

Dona Cristina perdeu a memória, (2002). Direção: Ana Luiza Azevedo. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre. Elenco: Lissy Brock e Pedro Tergolina. Duração: 13 min. Disponível em: [Youtube](#).

Eu Sou o Maior. Coleção Pequenos Filósofos. Produção: TV ESCOLA. Duração: 8min.

For the Birds, (2000). PIXAR. Diretor: Ralph Eggleston. Elenco: Ralph Eggleston. Duração: 3 min. Disponível em: [Youtube](#).

História do Dedão do Pé – com poemas de Manuel de Barros. Produção: Lumen Argo. Direção: Evandro Salles. Brasília-DF, 2007. Duração: 9min. Disponível em: [Youtube](#).

Luan o Cometínha. Produção: Animar Estúdio. Direção: Tiago Saad. Duração: 12min. Disponível em: [Youtube](#).

Mary and Max, (2009). Playarte Diretor: Adam Elliot. Elenco: Toni Collette, Philip Seymour Hoffman e Eric Bana. Austrália. Duração: 92 min.

Monstros vs. Alienígenas. Produção: DreamWorks Animation. Direção: Rob Letterman e Conrad Vernon. Elenco: Reese Witherspoon, Rainn Wilson, Hugh Laurie e Stephen Colbert, 2009. Estados Unidos. Duração: 94 min.

O Cão e a Raposa, (1981). Diretor: Woolie Reitherman. Produção: Walt Disney. Elenco: Mickey Rooney, Kurt Russel e Pearl Bailey. Austrália. Duração: 83 min.

O Lenhador e a Raposa. Por: André Gonzaga. Duração: 5min. Disponível em: [Youtube](#).

O Pequeno Príncipe – Um mundo diferente. Direção: Jameson Brewer. Produção: Jambre. Elenco: Katy Leigt e Hal Smith. Duração: 23min. Disponível em três partes: [Parte 1](#), [Parte 2](#), [Parte 3](#).

Partly Cloudy, (2009). PIXAR. Direção: Peter Sohn. Disponível em: [Youtube](#).

Scooby Doo: Ilha dos Zumbis. Produção: Warner Bros. (Hanna-Barbera Cartoons). Produtor: George Doty IV. Elenco: Mindy Cohn, Grey Delisle, Mark Hamill, Daran Norris e Tara Strong. USA, 2002. Duração: 20min.

Scooby Doo: Verão assombrado, (2010). Diretor: Ethan Spaulding. Elenco: Frank Welker, Mindy Cohn e Matthew Lillard. Duração: 72 min.

Sid Sementinha. Produção: CDI Comunicação Digital Inteligente. Direção: Airton Soares. Caxias do Sul, 2009. Duração: 7min. Disponível em: [Youtube](#).

Turma da Mônica em Baile Frank. Produzido por: Maurício de Souza. Duração: 7min. Disponível em: [Youtube](#).

Turma da Mônica em Frank em Ser Criança. Produzido por: Maurício de Souza. Duração: 7min. Disponível em: [Youtube](#).

Turma da Mônica em Regras e Exceções. Produzido por: Maurício de Souza. Duração: 7min. Disponível em: [Youtube](#).

Turma da Mônica e os Azuis. Produzido por: Maurício de Souza. Duração: 8min. Disponível em: [Youtube](#).

Vida Maria. Produção: VIACG. Direção: Marcio Ramos. Elenco: Marcio Ramos. Ceará, 2007. Duração: 9 min. Disponível em: [Youtube](#).